



## **POLÍTICA E HUMOR:** a questão da memória e da circulação dos discursos

**Eixo Temático: Gestão e Políticas da Informação**  
**Modalidade: Apresentação Oral**

Márcio Antônio Gatti

### **1 INTRODUÇÃO**

É notório, nos últimos anos, o crescimento na mídia do que se convencionou chamar em Análise do Discurso de linha francesa (AD) de “pequena frase”<sup>1</sup>. Esse tipo de enunciado funciona como um referente para um certo número de textos num determinado período de tempo e tem características específicas, como o fato de ter um estatuto funcional de independência do texto fonte. Além disso, as pequenas frases tornam-se, muitas vezes, virais, circulando de forma intensa na mídia em geral.

Um exemplo desse tipo de circulação viral é a frase proferida pela candidata à presidência da república, Luciana Genro, em debate televisivo realizado no dia 16 de setembro de 2014 pelas emissoras católicas de televisão e pela CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). A certa altura do debate, em resposta ao candidato Aécio Neves que insinua que a candidata pertence a um partido que é linha auxiliar do Partido dos Trabalhadores, a então presidenciável pelo PSOL diz: “linha auxiliar do PT, uma ova”. Desde então, e por alguns dias, a frase “descolou-se” do texto proferido pela candidata e viralizou pela mídia digital.

Partindo da circulação dessa frase, pretendo esboçar a importância do conceito de memória em relação à circulação dos discursos. Para isso, farei uma pequena introdução do conceito, conforme formulado pela AD, além de produzir análises introdutórias de um conjunto de textos humorísticos que foram compostos tendo como elemento central a frase proferida pela candidata, textos estes que circularam de forma intensa pela internet nos dias que sucederam o debate.

### **2 MEMÓRIA E AD**

Historicamente, a AD se constituiu como uma corrente de estudos semânticos

---

<sup>1</sup> O termo é uma tradução livre do francês “petites phrases”. Na imprensa, em especial os jornais e revistas escritas, pode-se flagrar esse tipo de enunciado associado a notícias, figurando como títulos, lides e olhos desses textos, ou ainda em seções específicas, como a “frase da semana”, por exemplo. Para um aprofundamento da noção, ver Maingueneau (2014), Olivier-Yaniv (2011), Krieg-Planque (2011).



que, dentre outras preocupações, se debruçava na análise dos sentidos e na sua relação com as ideologias, tendo como uma das ideias basilares a interpelação ideológica. Para essa teoria, portanto, o sujeito é, grosso modo, interpelado por uma ideologia e, assim, não é a fonte dos sentidos. Pêcheux (1975) é uma das obras na qual se desenvolve mais radicalmente essa tendência francesa.

Mas é com Courtine (1981) que o conceito de memória discursiva é introduzido nessa corrente teórica desenvolvida por Pêcheux. Para o autor, tal conceito é distinto da memorização de tipo psicológico, e “diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior das práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 1981, p. 5). Esse tipo de memória, introduzido pelo autor, permite que os discursos estejam situados num tempo longo, no tempo da história, não das individualidades. O que quer dizer que há uma forte inserção da história na análise do funcionamento dos discursos e dos sentidos.

Situando-se assim na tendência teórica inaugurada por Pêcheux, Courtine desenvolve importante conceito contribuindo sensivelmente para o desenvolvimento da teoria da AD. Desse modo é que a memória passou a integrar o quadro de conceitos da AD. Mas, coerentemente, é sempre necessário ressaltar, memória não está ligada a qualquer ato individual/cognitivo, mas ao movimento dos discursos na história.

Também durante a campanha de 2014, uma propaganda do PSOL (da então candidata Luciana Genro) pode ilustrar bem o que é essa constituição ideológica dos sentidos e a memória discursiva com a qual a AD trabalha. Trata-se de um vídeo<sup>2</sup> que explora uma cenografia (MAINGUENEAU, 2006) muito conhecida que é a da propaganda de margarina, cujo lugar comum é o de uma família feliz sentada em torno de uma mesa de café da manhã. A propaganda do partido, porém, traz um dado novo, trata-se de um casal de lésbicas, o que deixa clara uma das bandeiras do partido que é a do casamento civil igualitário.

O dado, porém, que pode elucidar o conceito de memória discursiva que tento revisitar aqui é o enunciado “vote em quem defende a família, todas as famílias”. O trecho mobiliza dois tipos de memória discursiva, ou uma memória externa e uma memória interna (MAINGUENEU, 1984, p. 121). Na materialidade do texto da propaganda, a primeira parte do enunciado “vote em quem defende a família” está

---

<sup>2</sup> O vídeo pode ser acessado em <http://www.youtube.com/watch?v=cgfu6-58AJ4>.



separada da segunda parte “todas as famílias” por uma pausa de 4 segundos. A pausa impõe uma memória externa ao discurso do enunciado como um todo, é a memória de um discurso mais conservador. Notadamente, esse enunciado estaria ligado a esse discurso, porque impulsiona uma memória ligada à defesa da família, postulado tradicional de discursos mais conservadores.

Após a pausa, porém, a segunda parte do enunciado subverte uma possível filiação ao discurso conservador e impõe uma memória interna, de um discurso mais progressista. Ao enunciar “todas as famílias”, o locutor impõe uma filiação a outro discurso e refuta a premissa básica do discurso conservador. Observemos, assim, a relevância dos efeitos de sentido que as memórias dos discursos impulsionam, embora haja uma necessidade do ouvinte em reconhecer duas posições distintas no enunciado da propaganda. No limite, as memórias mobilizadas no enunciado são dos discursos e não dos sujeitos. A memória discursiva permite, então, o acesso ao já-dito, ao já enunciado, é assim uma memória interdiscursiva.

Somente mais recentemente, porém, a AD passou a se preocupar com o problema da cognição. Moirand (2008), investigando o funcionamento da alusão na mídia, chega à conclusão que a memória interdiscursiva midiática se encontra na intersecção das ciências da linguagem, ciências sociais e cognitivas. Seria, dessa forma, uma faculdade psico-cognitiva que permitiria ao sujeito tanto lembrar quanto inscrever um enunciado em seu discurso (MOIRAND, p. 28). Interviria, assim, na relação da memória com o discurso uma série de domínios de memória. Uma memória interdiscursiva, que repete e retoma as palavras do outro não pode funcionar se nela também não atuarem tanto uma memória coletiva quanto a memória cognitiva.

Nessa mesma linha de raciocínio, na tentativa de estabelecer uma teoria da memória que leve em consideração também a cognição, Paveau (2007) desenvolve o conceito de *pré-discursos* que

[...] Podem ser vistos como operadores na negociação do compartilhamento, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais: eu os defino como um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional na produção e interpretação do sentido em discurso. São quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (sua natureza prática e mesmo técnica...) (PAVEAU, p. 318).

Esses pré-discursos podem, assim, ser definidos como quadros pré-



discursivos coletivos “que dão instruções para a produção e para interpretação do sentido no discurso” (PAVEAU, 2013, p. 130). Estabelecido, então, esse quadro teórico passo ao enunciado e aos textos que o replicaram na mídia em geral.

## O ENUNCIADO E SUA CIRCULAÇÃO

Como dito antes, o debate entre os presidenciáveis promovido pelas emissoras católicas e pela CNBB foi marcado por um intenso e acalorado confronto entre Aécio Neves e Luciana Genro. Num determinado momento do debate<sup>3</sup>, Aécio Neves sugere que Luciana Genro voltou às origens (a candidata foi filiada ao PT), dizendo, depois que Genro o provocou associando seu partido (PSDB) à corrupção, que “eu tenho em primeiro lugar que saudar o retorno da candidata Luciana Genro às suas origens, atuando aqui como linha auxiliar do PT”.

Em resposta, a presidenciável dispara, em tom inflamado: “com todo o respeito, linha auxiliar do PT, um ova, candidato Aécio”. Tomando apenas o momento do diálogo entre os candidatos, teríamos, em termos de memória, com a incitação do candidato, a inserção de um quadro pré-discursivo de associação da imagem da candidata Luciana Genro ao PT, enquanto que a expressão de refutação utilizada pela presidenciável impõe um outro quadro, o da desfiliação. Mais do que isso, tenta impor um quadro de apagamento de memória, tentando contribuir para uma des-memória (PAVEAU, 2013, p. 121) da antiga origem do PSOL, dissidência do PT. Mas, logo depois do debate, passou-se a flagrar de forma intensa a circulação nas redes sociais e na internet em geral da fala de Genro. Vejamos alguns exemplos:



Figura 1: Fatality.

Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/09/resposta-de-luciana-genro-a-aecio-neves-em-debate-vira-meme-4600206.html>.

<sup>3</sup> O trecho do debate a qual se faz menção aqui pode ser conferido em <http://www.youtube.com/watch?v=F0vePyToomk>.



Figura 2: Uma ova  
 Fonte: [www.facebook.com](http://www.facebook.com)



Figura 3: Terapia  
 Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/09/17/apos-patada-em-aecio-neves-luciana-genro-vira-meme-nas-redes-sociais-veja-as-melhores-montagens/>.

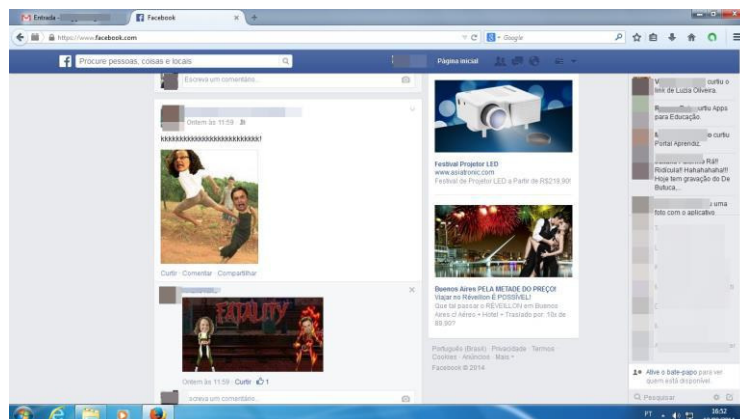


Figura 4: Diálogo em rede social  
 Fonte: [www.facebook.com.br](http://www.facebook.com.br)



O que se pode observar logo de início é que há, da figura 1 para a figura 4, um apagamento material do enunciado. Na primeira imagem, está presente o bloco todo da enunciação de Genro, com exceção da expressão “candidato Aécio”, na sequência, na figura 2, apenas há a expressão “uma ova”. Nas outras duas, não há nenhum vestígio do enunciado.

Mas temos de observar que não se trata de um apagamento linear como pode fazer parecer. O ordenamento é aqui, intencional, mas na circulação que se observou nas redes, não há essa sequência lógica. As figuras aparecem e se disseminam todas ao mesmo tempo, sem nenhuma gradação de apagamento.

No que tange à memória, há várias questões a serem abordadas. A circulação do enunciado pelas mídias digitais agregam outros elementos aos quadros que antes havia mencionado. Duas das figuras (1 e 4) impõem uma cenografia que simula uma cena de jogo de luta de videogame, em que Luciana Genro vence a batalha. Outras duas (2 e 3) sugerem um trauma gerado pelo embate no debate. Em termos de cognição, as duas últimas figuras talvez imponham um trabalho a mais ao co-enunciador, já que a ligação com o enunciado fonte se faz de forma indireta, seria assim necessária uma rememoração indireta, que associa a cenografia da terapia em grupo (figura 3) e das cenas de luta (figura 4) ao que ocorreu no debate.

Outros quadros pré-discursivos se impõem impulsionados pelas cenografias dos textos. Isso não quer dizer que aqueles quadros anteriores não sejam mobilizados pelo leitor. Tampouco quer dizer que efeitos de sentido oriundos de uma memória discursiva, de uma memória de longa duração dos discursos se apaguem. Enfim, a questão da memória carece ainda de muita investigação. Os novos modos de circulação dos discursos pelas mídias digitais parecem ser uma forma interessante de analisá-la, já que impõem restrições e possibilidades de ordens diversas.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

KRIEG-PLANQUE, Alice. LesPetites Phrases: un objet pour l'analyse des discours politiques et médiatiques. **Communication & langages**, v. 2011, n. 168, jun. 2011, p. 23-41.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar, 2005.



\_\_\_\_\_. Cenografia Epistolar e Debate Público. In: \_\_\_\_\_. **Cenas de Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Frases sem Texto**. São Paulo: Parábola, 2014.

MOIRAND, Sophie. Discours, Mémoires et Contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. **Estudos da Língua(gem)**. v. 6, n. 1, Vitória da Conquista, BA, jun. 2008, p. 7-46.

OLIVIER-YANIV, Caroline. Les petites phrases et éléments de langage: des catégories en tension ou l'impossible contrôle de la parole par les spécialistes de la communication. **Communication & langages**, 2011, p. 57-68.

PAVEAU, Marie-Anne. Palavras Anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. **Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 9, 2007, p. 311-331.

\_\_\_\_\_. **Os Pré-Discursos**: sentido, memória e cognição. Campinas: Pontes, 2013.  
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2009.